

Planejamento de aula: uma reflexão sobre o papel do livro didático e as fases da aula

Cibele Cecilio de Faria Rozenfeld
Nelson Viana

Introdução

Ensinar e aprender uma Língua Estrangeira (LE) sob uma perspectiva pedagógica humanista e uma compreensão mais ampla de linguagem, é uma experiência educacional complexa, na qual são envolvidas forças e variáveis diversas advindas dos alunos, dos professores, da instituição e da sociedade. O processo de ensino/aprendizagem de LE espelha um conjunto de valores, crenças e concepções de um grupo social específico e de um indivíduo, assim como a aprendizagem de LE também irá refletir na formação, no agir e no pensar desses núcleos.

Por tratar-se de um processo tão abrangente, ao planejar um curso de LE, o professor se defrontará com diversos questionamentos e desafios, visto que são inúmeros os aspectos a serem considerados. Estes podem ser de natureza sócio-cultural, institucional, metodológica, pessoal do aluno, pessoal do professor e (de grande importância ainda), quanto à natureza da linguagem.

Este trabalho tem como objetivo produzir reflexões acerca do processo de planejamento de aula de LE, priorizando-se o foco na aula, enquanto espaço formal de ensino, em alguns dos elementos relevantes para o planejamento dela, no papel do professor e do livro didático e nas fases da aula como sistema norteador da prática do professor. Analisaremos tais aspectos, apresentaremos considerações teóricas desenvolvidas por diferentes autores quanto ao tema, e concluiremos propondo considerações a serem feitas pelo professor ao planejar a aula.

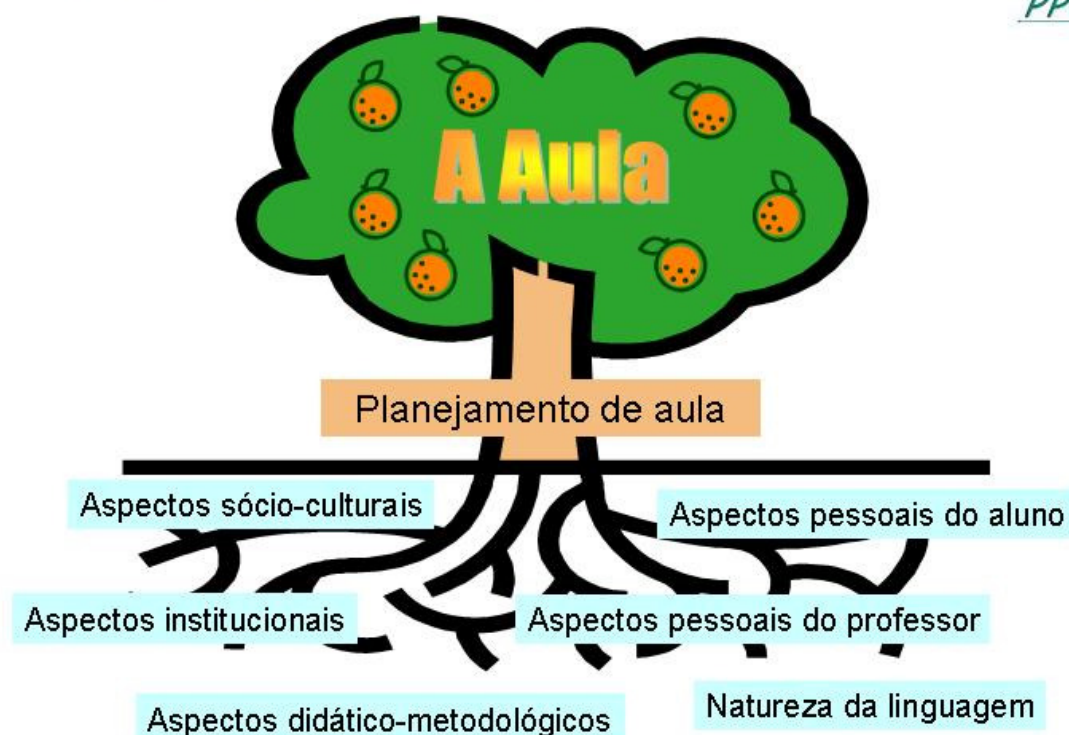
Modelo do Processo de Constituição da Aula

A aula certamente não é o único, mas é um espaço formal de grande relevância no processo de ensino e aprendizagem de LE. Segundo ALMEIDA FILHO (1993:25)

a aula, não é o único cenário onde deve se dar o ensino comunicativo da nova língua, mas os procedimentos aí estabelecidos são chave para a construção de significados e ações nessa língua que sem esse ambiente rico, só se constituíram para o aprendiz com grande esforço e em condições afetivas especiais.

Considerando a aula um espaço formal relevante no processo de ensino/aprendizagem de línguas, é fundamental que se destaquem e analisem elementos que irão configurar a sua constituição, pois a reflexão acerca de tais elementos será determinante no planejamento da aula. Propomos como modelo para o processo de planejamento da aula e seus elementos constituintes a seguinte imagem como representação metafórica (imagem 1):

Processo de constituição da aula



12

Imagem 1: representação metafórica

As grandes ramificações da raiz da árvore representadas na figura metafórica contêm variáveis contextuais específicas a serem analisadas:

a) aspectos sócio-culturais – referem-se ao contexto sócio-cultural no qual os alunos e professores estão inseridos, tais como política de ensino/aprendizagem de LE, relação do contexto dado com a língua e cultura-alvo, ambiente lingüístico, etc.

b) aspectos institucionais – são aqueles que incluem, por exemplo, tempo disponível para se atingir objetivos pré-estabelecidos, material disponibilizado na instituição, livro didático adotado, perfil dos alunos, espaço físico da escola e das salas de aula, recursos tecnológicos disponibilizados, número de alunos por sala, etc.

Os aspectos institucionais e sócio-culturais não são, na maioria das vezes, passíveis de mudanças. Eles devem ser analisados pelo professor e este deverá tecer reflexões durante o planejamento acerca da adaptação de seus objetivos pedagógicos às condições ali encontradas.

c) aspectos didático-metodológicos – são os aspectos de caráter pedagógico, tais como objetivos a serem atingidos, procedimentos metodológicos a serem utilizados para atingir tais objetivos, concepções metodológicas em relação ao erro e ao papel do professor em sala de aula, forma de elaboração de temas sócio-culturais da língua-alvo, livro didático, etc.

d) natureza da linguagem – A linguagem não se restringe a sua dimensão sistêmica (conjunto de estruturas lingüísticas); sua compreensão deve envolver também cultura, sociedade, contexto e ideologia. A falta de tal consciência tem fortes conseqüências no planejamento do curso e das aulas, na produção de materiais, bem como na conduta de aula do professor.

e) aspectos pessoais do professor – fatores como formação profissional do professor, sua conduta frente aos alunos, à língua e cultura-alvo, filtro afetivo¹ que envolve também motivação pessoal para seu trabalho, abordagem de ensino², personalidade; etc.

¹ Para KRASHEN (1983) o filtro afetivo refere-se a fatores emocionais tais como motivação, atitude, grau de ansiedade, empatia, etc, e é decisivo para se promover condições favoráveis ao ensino/aprendizagem.

² O conceito de abordagem é utilizado segundo ALMEIDA FILHO (1993:17), como "o conjunto de disposições, conhecimentos, crenças, pressupostos e eventualmente, princípios do que é lin-

f) aspectos pessoais do aluno – referem-se às características dos alunos como idade, conhecimento de outra LE, procedência, interesse, dificuldades, estilos de aprendizagem, atitude, conhecimento prévio, criatividade, filtro afetivo (por exemplo, motivação, empatia, grau de ansiedade, etc), abordagem de aprender e outros.

Durante a preparação de uma aula, é importante que o professor faça uso do conhecimento didático-metodológico e lingüístico, reflita sobre suas concepções de ensinar e aprender LE, sobre suas crenças, e analise o que é proposto no livro didático. A partir do cruzamento de tais reflexões com considerações acerca do grupo, dos alunos e com visão crítica acerca da linguagem, ele poderá definir procedimentos que se adequem às condições institucionais, sociais e aos objetivos pedagógicos.

No processo de ensino/aprendizagem de LE, o professor tem papel de facilitador e mediador na relação dos alunos com a língua e cultura-alvo. A construção do conhecimento deverá ocorrer com foco na interação e na negociação de sentidos. Para MOITA LOPES (1996:97), na interação o professor tem função central de "construir andaimes" para o aluno aprender, favorecendo a autonomia, de modo que o aprendiz transforme o conhecimento externo em seu próprio, desenvolvendo controle consciente sobre o mesmo. (106).

O Livro Didático (LD)

O livro didático é apenas um dos elementos que compõem e influenciarão o planejamento de aulas. Diversos estudos apontam para as diferentes funções que ele poderá desempenhar. Cabe ao professor, durante o planejamento específico, fazer uma reflexão crítica quanto ao papel que o LD irá representar em sua aula. As especificidades do grupo e de cada aluno, farão cada aula ser única e o professor poderá enriquecer o processo de ensino traçando objetivos com clareza, com

guagem humana, LE, e o que é aprender e ensinar uma língua-alvo". Abrangem muitas vezes também "concepções de homem ou pessoa humana, de sala de aula e dos papéis representados de professor e de aluno de uma nova língua estrangeira". Segundo o autor, a abordagem de ensino "orienta e regula as decisões e ações do professor na construção do seu ensino (processo de ensinar) na forma de aulas, e dos alunos no processo de aprender".

consciência e selecionando fontes de insumo que promovam a motivação, interesse e situações significativas ao aprendizado e aquisição da LE.

Atualmente, encontramos no ensino de alemão como LE uma imensa oferta de novos livros didáticos que propõem conteúdo atualizado e segundo os níveis do quadro de referência europeu. Para a análise do novo LD, é importante que se reflita criticamente sobre aspectos didático-metodológicos, sem se deixar levar apenas pela suposta proposta de novidade.

Ter uma visão crítica do *novum* é fundamental, visto que "o verdadeiro novo, o transformador encontra-se na inserção de uns e de outros no momento histórico-social que nos determina a todos" (CORACINI, 1999:22). Nesse sentido, o professor ou instituição, ao se deparar com tantas opções, deveria inicialmente refletir sobre o que é realmente o elemento *novum* do LD a ser avaliado. A autora enfatiza ainda que, "muitas editoras buscam em novas teorias sobre a aprendizagem e ensino de LE, argumentos que reforcem a qualidade de seu produto, sem, contudo, se preocuparem se estão criando algo realmente de tão novo assim" (21).

Diante de um novo LD, é importante refletir também sobre a estruturação das lições. Encontramos nos LDs as unidades estruturadas segundo uma proposta fechada ou aberta. BIMMEL/KAST/NEUNER (2003) afirmam que o livro didático de "concepção fechada", ou seja, que apresenta as partes da lição entrelaçadas de forma a serem trabalhadas seqüencialmente na aula, são de adaptação mais difícil ao contexto específico de sala de aula, do que os LDs de "concepção aberta". Nestes, as partes da lição estão entrelaçadas de forma menos rigorosa, possibilitando maior liberdade ao professor e adaptação ao contexto.

Diante da impossibilidade na determinação do LD e do número de lições a serem dadas, cabe ao professor refletir sobre propostas de procedimentos para se atingir os objetivos almejados em seu ambiente de ensino, valendo-se de uma análise criteriosa do material e do contexto.

O LD deve ter função de apoio à difícil tarefa da atuação do professor e de elemento mediador da relação entre aluno e língua/cultura-alvo, e não de um roteiro a ser seguido passo a passo, visto que ele não é suficiente para abordar todos os aspectos que se encontram inseridos no complexo processo de ensinar/aprender uma LE no contexto contemporâneo e humanista. Pfeiffer (apud GARCIA, 1994:131) distingue três funções principais no LD:

- a) função de interação dos objetivos de aprendizagem, conteúdo, método e meios.
- b) função de controle e armazenamento de informação (segundo os passos da aprendizagem)
- c) função de assegurar coerência e sistemática tanto na construção quanto na transmissão da matéria.

As críticas ao LD encontradas na literatura referem-se principalmente ao distanciamento dele, temporal e espacialmente, da realidade do aluno, indo dessa forma contra o trabalho com foco na autonomia, nos estilos de aprendizagem e nas condições sócio-culturais específicas do contexto de ensino.

Tal distanciamento entre a cultura dos alunos e a cultura-alvo, pode gerar dificuldades que JANZEN (1998) atribui à ausência, no LD, de elementos que permitam mediação cultural e pedagógica de forma adequada. Para o autor, o universo lingüístico e cultural apresentado no LD torna-se, então, abstrato ao aprendiz, dificultando seu acesso.

Alguns estudos enfocam criticamente o ambiente sócio-cultural apresentado pelo LD, tendo em vista que ele é um recorte sócio-cultural ideológico (GARCIA, 1994:129), voltado para consumo didático, com objetivos de criar conceitos e imagens da cultura-alvo.

O distanciamento sócio-cultural entre os contextos apresentados pelo LD e a sala de aula pode ser verificado também nas diferenças quanto aos objetivos de aprendizagem de LE. Bolognini (apud CORACINI, 1999:19) ressalta que, frequentemente, os alunos não pretendem ir para a Alemanha, não tendo, portanto intenção de visitar hotéis restaurantes, etc. Ela aponta para a necessidade de subversão ao LD e de se focar, na aprendizagem de uma LE, o enriquecimento pessoal no confronto de culturas e sociedades.

Alguns trabalhos identificam ainda uma incoerência entre a prática do professor e a abordagem proposta no LD, em conseqüência das crenças de professores quanto à melhor forma de ensino, por exemplo, os estudos de FELIX (1998) e AMADEU-SABINO (1994).

As variáveis que se apresentam em sala de aula são inúmeras e, em conseqüência disso, PRABHU (1990) considera a inexistência de um melhor método. O método deve ser adequado ao contexto e à situação de ensino/aprendizagem. O

autor ressalta que em todos os métodos existe algo de verdadeiro; todavia, é muito difícil dizer qual parte é verdadeira para cada grupo³.

Diante da complexidade e ao mesmo tempo riqueza do processo, ALMEIDA FILHO (1994:45) afirma que "não há porque empobrecer o processo de aprendizagem restringindo-o ao insumo premeditado pelo LD". Para o autor, a multiplicidade de fontes de insumo é não só desejável, como precisa também ser garantida tanto no LD como fora dele.

Também os autores do **Fernstudieneinheit 18** (2003) afirmam que o LD sozinho não faz uma boa aula. Depende de como o professor vai transformar o conteúdo nele proposto.

Nesse sentido é importante que o professor faça uso do livro didático como um **apoio** que lhe possibilitará a obtenção de conteúdo sistemático e coerente, um facilitador, e não como um roteiro a ser seguido fielmente. A subversão ao LD, ou seja, possíveis adaptações, exclusões, extensões, etc., quando realizada de maneira criteriosa, além de rica para o processo de ensino e aprendizagem de alunos que se encontram inseridos em contexto singular, pode ser facilitada pela grande oferta de material complementar que encontramos hoje no mercado.

As editoras já percebem a abrangência do processo de ensino de línguas, e como afirma FUNK (2004), o LD tornou-se para elas algo a ser constantemente revisto e complementado. Por essa razão oferecem um número considerável de material adicional.

Diante de tantas possibilidades, o professor deverá estabelecer seus objetivos, refletir sobre os aspectos envolvidos na constituição da aula, analisar a proposta do LD, selecionar materiais e estabelecer procedimentos adequados.

As fases da aula são de grande valia na função de estruturação do conteúdo a ser trabalhado e a bibliografia da área oferece diferentes modelos de divisão física. A seguir apresentaremos um modelo, que pode vir a auxiliar o professor na elaboração de sua aula.

³ Trechos em língua portuguesa, referenciados em língua estrangeira, constituem tradução realizada por nós, para este trabalho.

Fases da Aula

A partir da contribuição de estudos e da prática de ensino, propomos o seguinte modelo:

Fase 1: Introdução – Nessa fase é feita uma iniciação ao trabalho global da aula. Esse é o momento para a transmissão de informações de cunho organizacionais, institucionais ou pedagógicos. É também o espaço reservado para o aquecimento, para a construção de um clima de confiança e para a inserção dos alunos num ambiente de trabalho harmonioso, voltado para o uso da língua-alvo, e para o encontro de culturas. Pode-se, para esse fim, utilizar jogos breves, dinâmicas diferentes, recapitulando conteúdos, utilizando a língua-alvo como forma de comunicação. É um momento fundamental para trazer o aluno para o espaço de aula que se inicia e para despertar-lhe o interesse e a motivação. Tem papel de grande relevância na aula e nas fases posteriores.

Fase 2: Preparação do insumo - O objetivo dessa fase é de introduzir e preparar o insumo a ser apresentado na fase seguinte, na *Apresentação*. Nela são feitas atividades que visam verificar o conhecimento prévio e o interesse do aluno sobre um determinado tema, despertar-lhe a curiosidade, assim como introduzir vocabulário específico a ser trabalhado posteriormente, visando facilitar a compreensão do conteúdo a ser proposto.

Essas duas primeiras fases são fundamentais para promover o baixo filtro afetivo do aluno motivando, despertando interesse, criando atmosfera agradável e de confiança em sala de aula, reduzindo a ansiedade, valorizando o conhecimento prévio do aluno, etc.

Fase 3: Apresentação – Essa fase se destina à apresentação criteriosamente didatizada dos conteúdos que foram estabelecidos como objetivos pedagógicos.

Fase 4: Compreensão – O professor deverá, para essa fase, ter elaborado um plano a fim de testar a compreensão do insumo apresentado, por meio de perguntas ou outras atividades dirigidas. Também é o momento de elucidação de eventuais dúvidas em relação a novos itens de vocabulário, estruturas gramaticais ou funções comunicativas.

Fase 5: Fixação - Nesse momento poderão ser propostos exercícios, perguntas, atividades dirigidas, para que o aluno possa fixar o conteúdo apresentado.

Fase 6: Transferência – Nesta fase o aluno fará a transferência do conhecimento adquirido para situações semidirigidas.

Fase 7: Uso livre - A partir de uma análise do contexto, o professor deverá propor, com base em suposições sobre o que possa ser uma situação de interesse e próxima da realidade de seus alunos, situações em que eles tenham a possibilidade de se comunicar livremente utilizando o novo insumo em contexto significativo.

Fase 8: Fechamento – Fase em que o professor concluirá o trabalho com os alunos, oferecendo avaliação retrospectiva do que foi feito, propondo trabalho individual, autônomo, sugerindo sites na Internet, filmes, determinando a tarefa de casa, etc.

Considerações Finais

Para uma análise do conteúdo proposto no livro, seleção de materiais e elaboração de proposta de planejamento de aula, consideramos que o professor deve:

- a) estabelecer com clareza os objetivos pedagógicos;
- b) compreender o papel de apoio do LD, determinando o que poderá ser utilizado, adaptado ou substituído e considerando a relevância do conteúdo proposto no LD, não só no campo lingüístico, mas também em relação ao universo sócio-cultural, no qual o aluno está inserido;
- c) selecionar materiais extras a serem trabalhados e atividades a serem desenvolvidas;
- c) promover situações e experiências de conteúdo significativo e de relevância para o aluno na prática de uso da nova língua, representando temas de seu universo na forma de problematização e ação dialógica (ALMEIDA FILHO, 1993);
- d) respeitar a variação individual quanto aos aspectos afetivos (filtro afetivo) como motivação, ansiedade, inibições, autoconfiança, estilos de aprendizagem, etc;
- e) analisar sua própria prática, conscientizando-se sobre suas crenças, concepções, fazendo uso de conhecimentos teóricos e tendo atuação reflexiva;
- f) considerar suas concretas condições sociais, institucionais e estabelecer procedimentos coerentes com elas.

O professor, quando diante da tarefa de planejamento de aula terá a exclusiva oportunidade de explorar as potencialidades do LD por meio de uma análise crite-

riosa das atividades nele propostas, e diante de suas reflexões ele poderá usá-las, complementá-las, adaptá-las ou até, excluí-las, substituí-las, adequando-as a seu grupo específico e propondo novos materiais. Durante esse processo é de extrema relevância que o professor considere, além das questões lingüísticas, as questões relacionadas ao universo sócio-cultural do próprio aluno. Revela-se de grande importância selecionar textos, exercícios e diálogos que sejam relevantes para a prática da língua e que o aluno reconheça como experiência válida de formação e crescimento intelectual (ALMEIDA FILHO apud BOLOGNINI, 1991).

É necessário que o aluno seja considerado como representante de um ambiente sócio-cultural específico e como um participante ativo no processo de interação com o conhecimento e não meramente um receptor.

Bibliografia

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. *Dimensões Comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, Pontes Editores 1993.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. *Escolha e Produção de material Didático para um Ensino Comunicativo de Línguas*. In: Contexturas: ensino crítico de língua inglesa, n. 2, Campinas 1994.

AMADEU-SABINO, Marilei. *O dizer e o fazer de uma professora de LE em curso de licenciatura: foco na abordagem declarada comunicativa*. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp 1994.

BIMMEL, Peter / KAST, Bernd / NEUNER, Gerhard. *Deutschunterricht planen – Arbeit mit Lehrwerklektionen*. München, Goethe-Institut Inter Nationes (Fernstudieneinheit 18) 2003.

BOLOGNINI, Carmen Zink. *Livro Didático: Cartão Postal do País onde se fala a Língua-alvo?* Trabalhos em Lingüística Aplicada 17. Campinas 1991.

CORACINI, Maria José R. F. (Hg). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático- Língua Materna e Língua Estrangeira*. Campinas, Pontes Editores 1999.

FELIX, Ademilde. *Crenças do professor sobre o melhor aprender de uma língua estrangeira na escola*. Dissertação de mestrado Campinas, Unicamp 1998.

GARCIA, Marilene S.dos Santos. *Reflexão sobre a comunicação à luz da análise de livros didáticos para o ensino do alemão como língua estrangeira para iniciantes*. Tese de doutorado, São Paulo. Universidade de São Paulo, 1994.

FUNK, Hermann. *Qualitätsmerkmale von Lehrwerken prüfen – ein Verfahrensvorschlag*. Disponível em: www.babylonia-ti.ch. Jena, 2004, acesso em junho 2006.

JANZEN, Henrique Evaldo. *Mediação Cultural, abordagem comunicativa e ensino de língua estrangeira: o conceito lingüístico de Bakhtin e os pressupostos da interculturalidade*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo 1998.

KRASHEN, Stephen. D. / TERREL, Tracy. *The Natural Approach: Language Acquisition in the Classroom*. London, Prentice Hall Europe 1983

MOITA LOPES, Luís Paulo da. *Oficina de Lingüística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas, Mercado de Letras 1996.

PRABHU, N.S. "There is no best method-Why?" In: *Tesol. Quarterly* 24 (1990), 161-176.